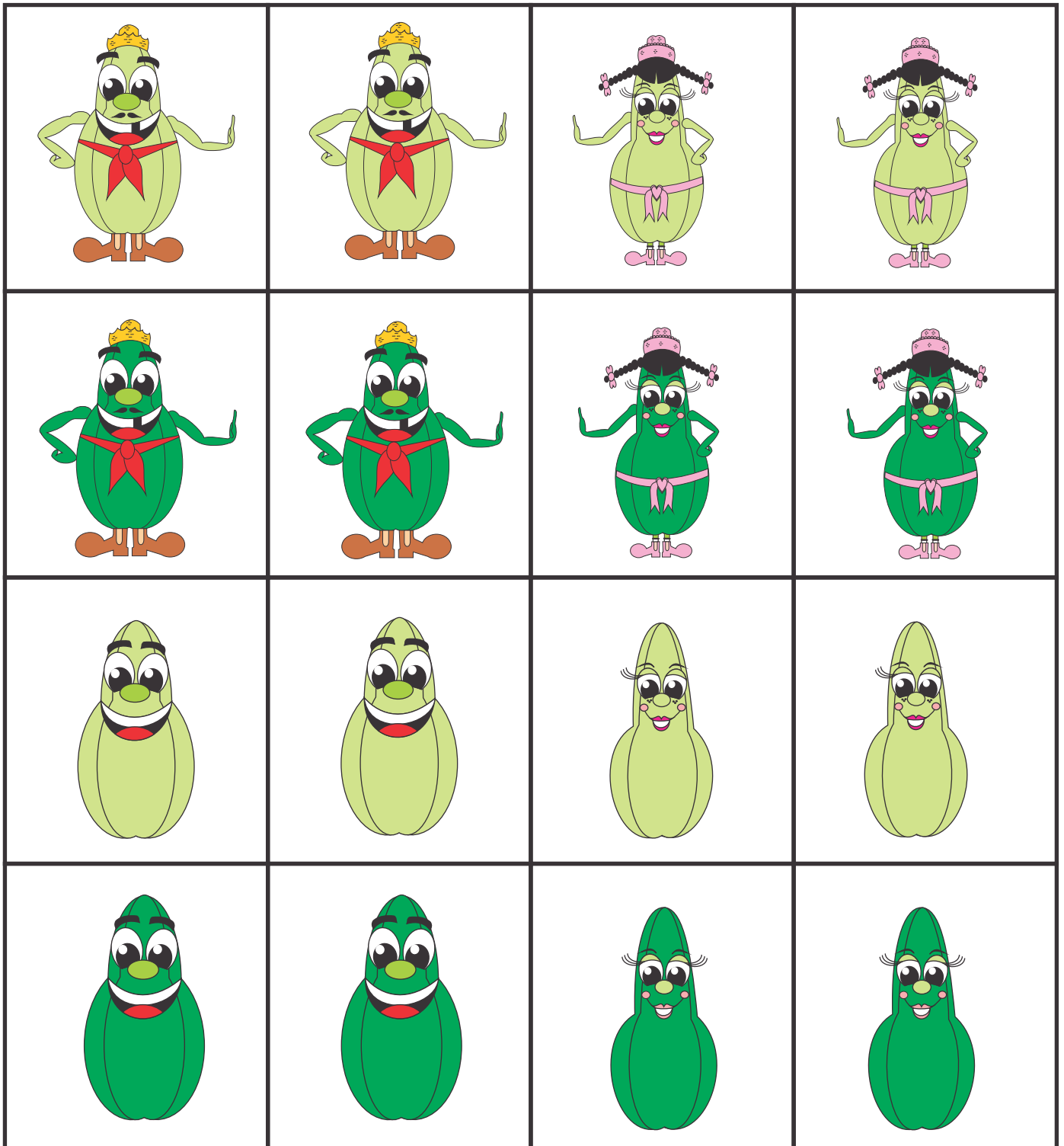


Jogo da memória



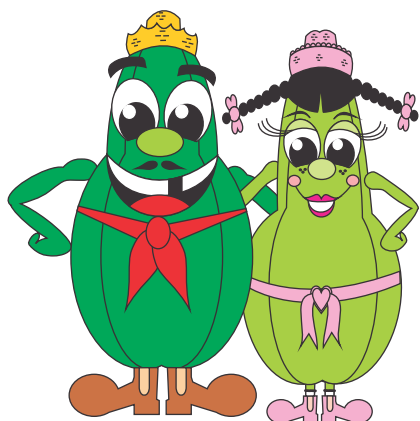
BBORGES2011



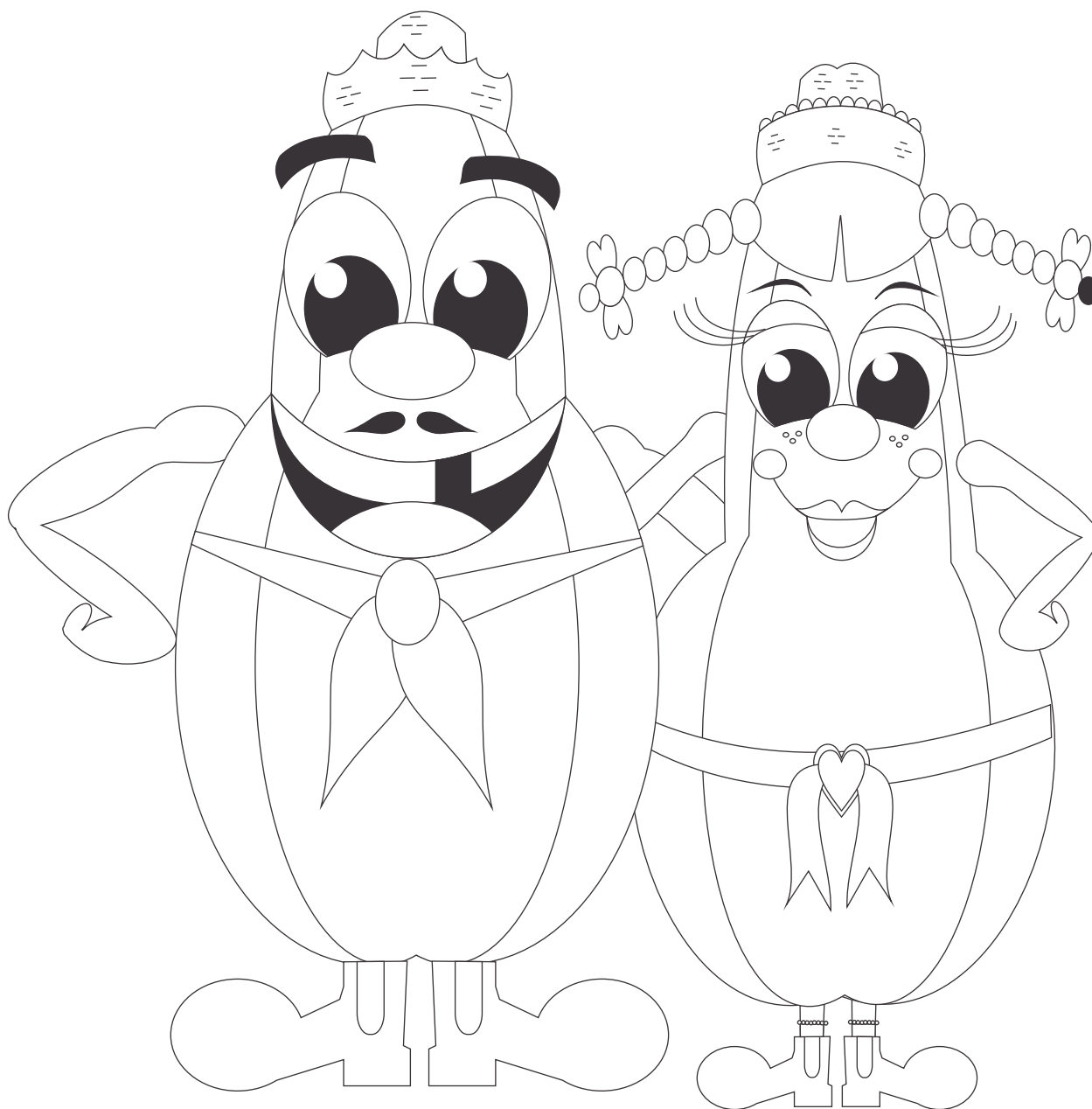
SECQH-Seção de Centro de Qualidade em Horticultura-Janeiro 2013.



Nome: _____

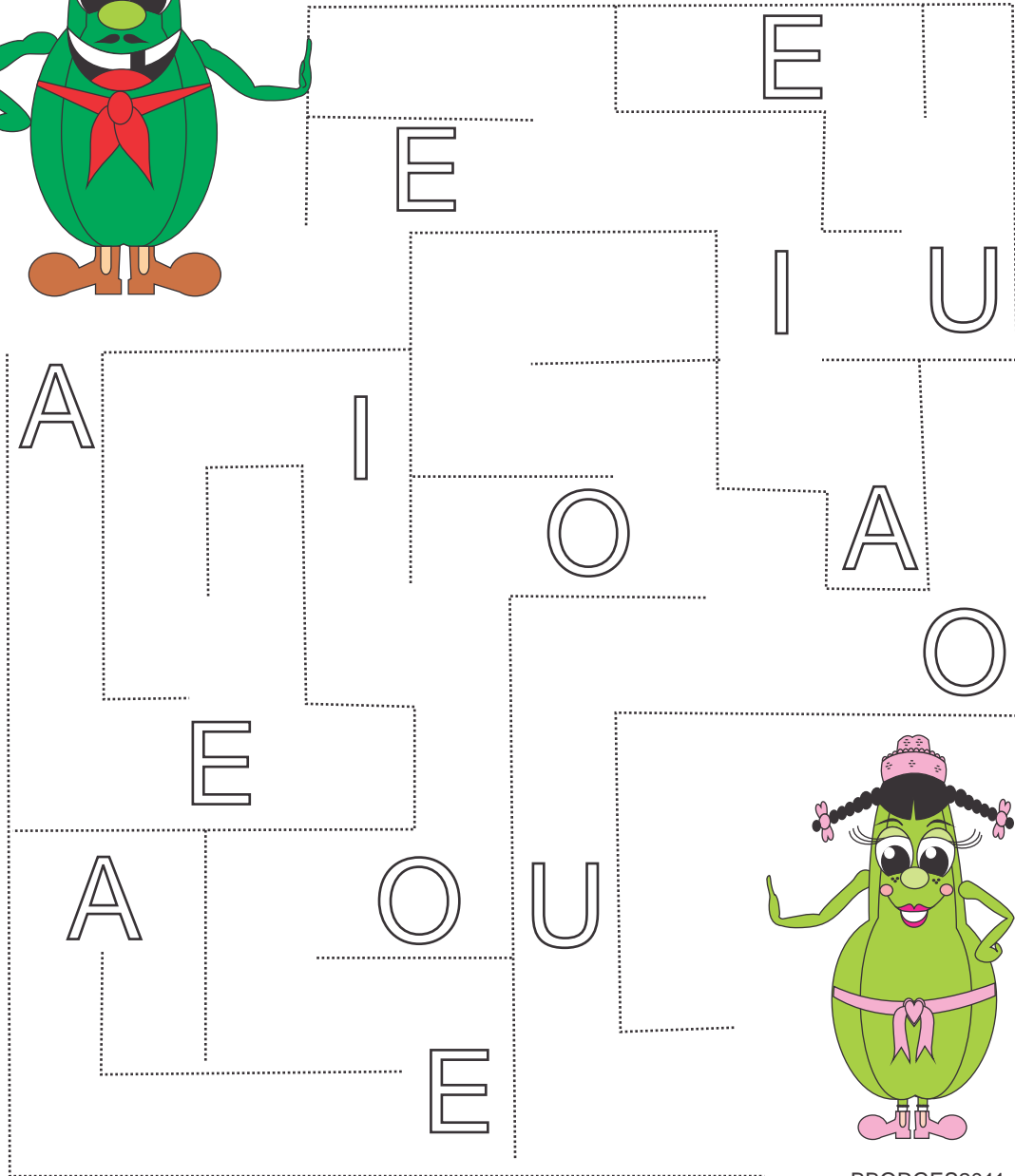


Vamos colorir o casal
Chuchu Beleza?



Nome: _____

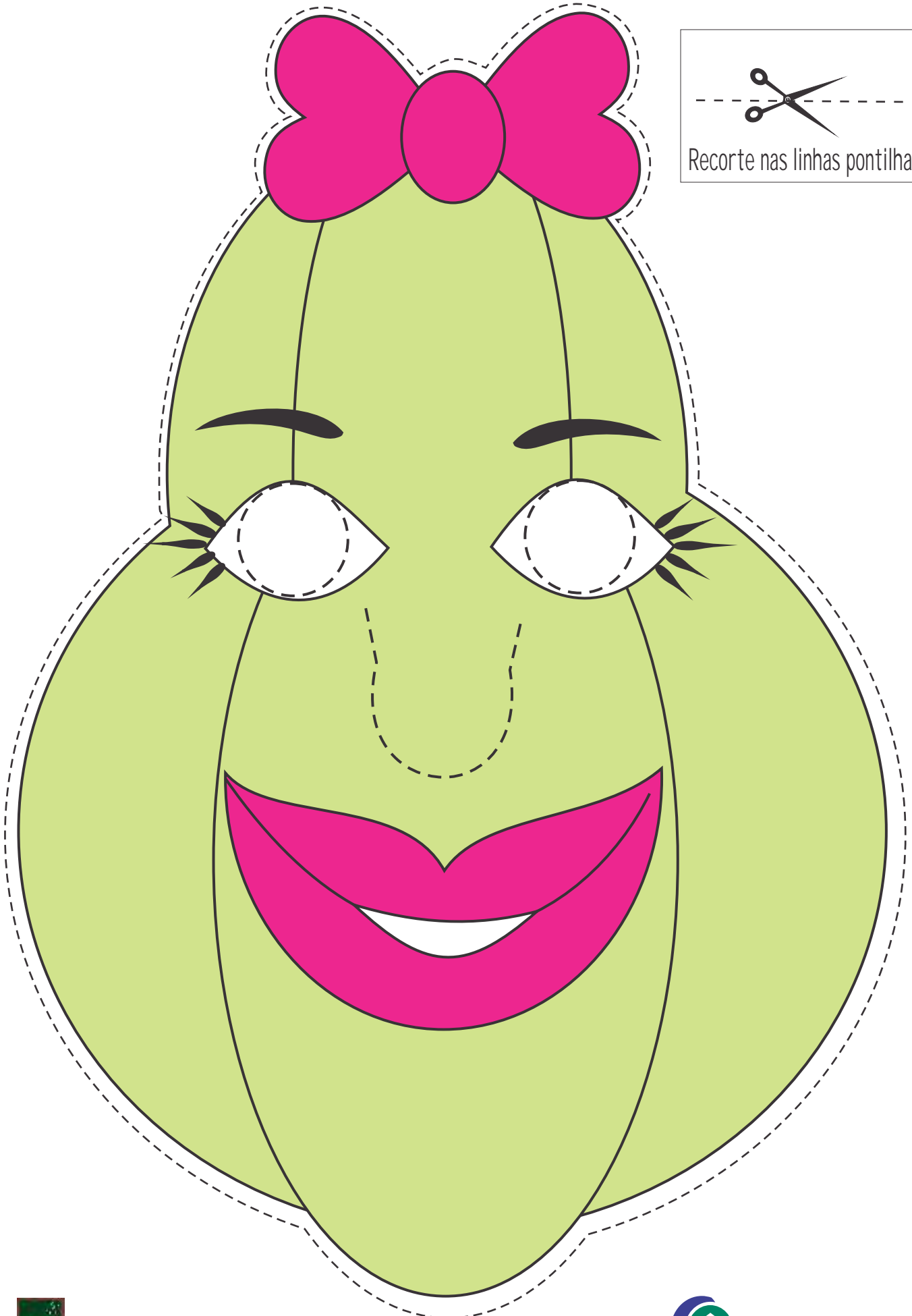
Vamos ajudar o Chuchulino a encontrar a Chuchulina seguindo o caminho em que as vogais estão em ordem alfabética?



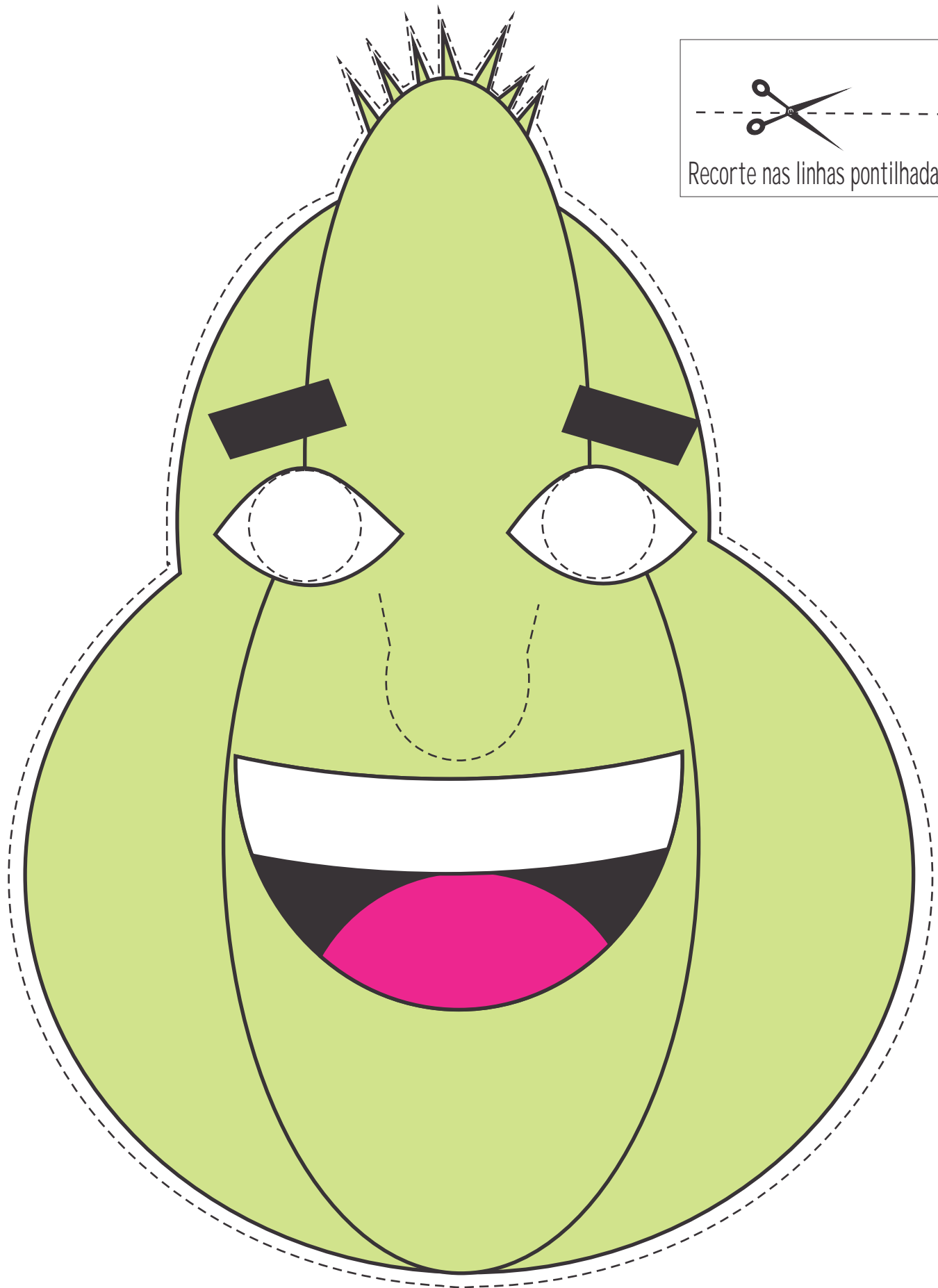
BBORGES2011



Máscara da Chuchulina



Máscara do Chuchulino

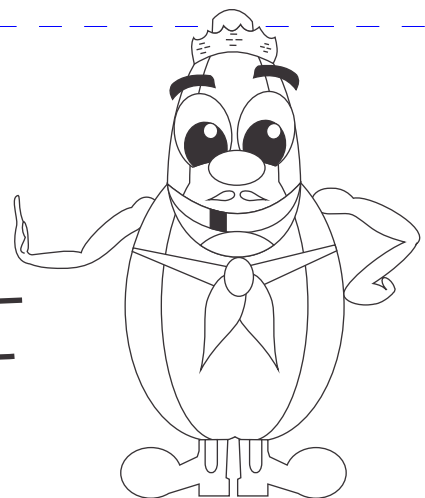
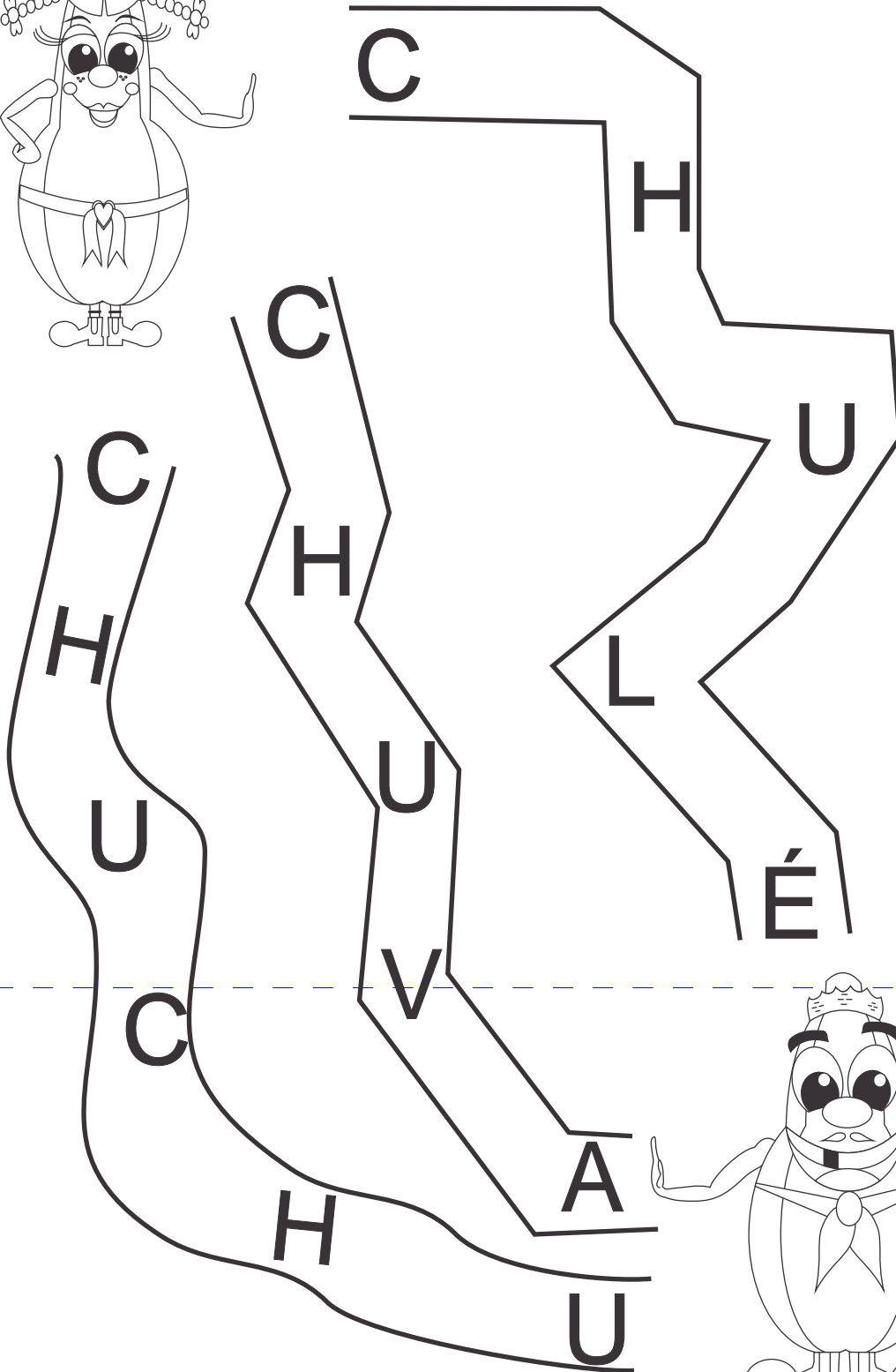
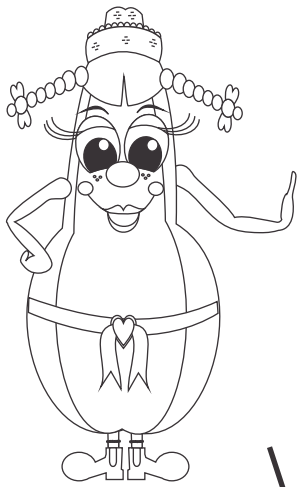


Recorte nas linhas pontilhadas



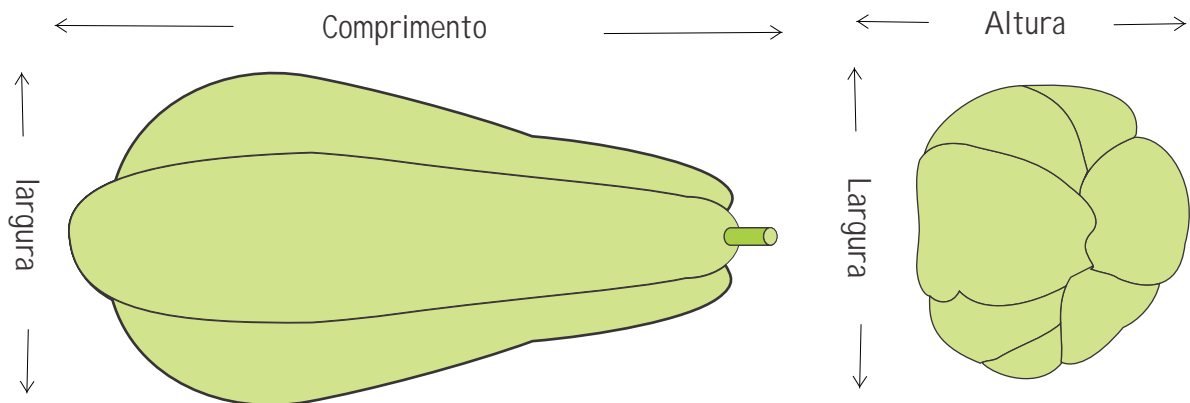
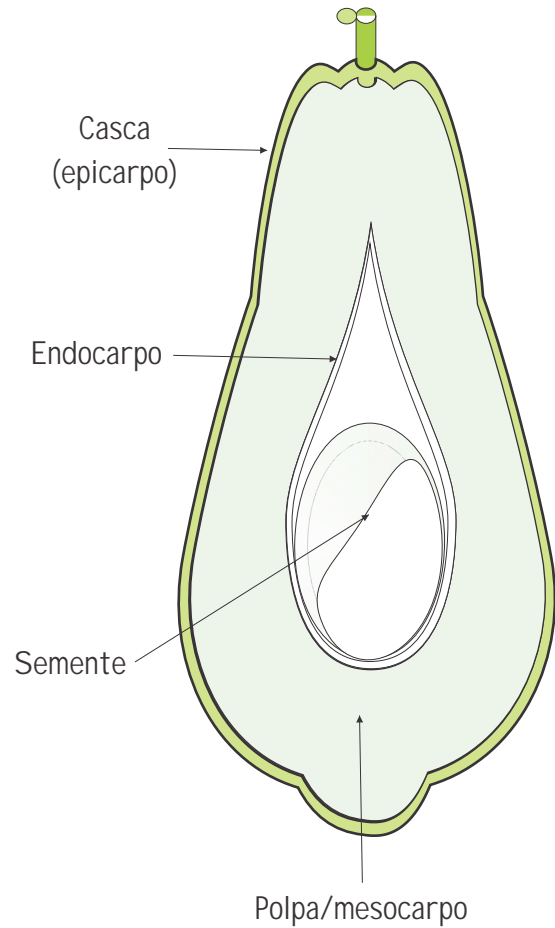
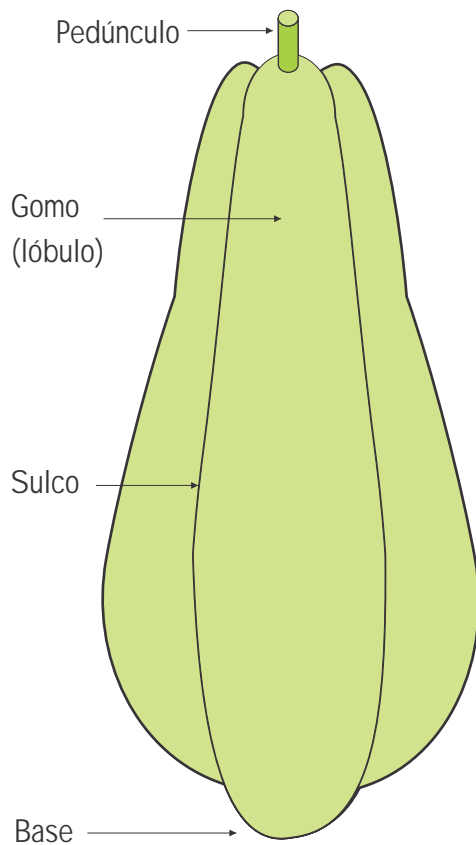
Nome: _____

Vamos ajudar a Chuchulina a encontrar o Chuchulino seguindo o caminho em que está escrito chuchu!



Vamos conhecer o Chuchu!

MORFOLOGIA DO CHUCHU



MALU E O PÉ DE CHUCHU

Há muitos e muitos anos existiu uma viúva que tinha uma filha chamada Malu.

Mãe e Malu eram muito pobres e, para se manterem, contavam apenas com uma vaca, cujo leite vendiam na cidade.

Um dia, porém, a vaca parou subitamente de dar leite, e a pobre mulher, tendo perdido assim a fonte de seu sustento, ficou preocupada e sem saber o que fazer.

Malu, de sua parte, começou a procurar um emprego, com o qual pudesse ajudar a mãe. Mas os dias foram passando sem que ela arranjasse coisa alguma para fazer. Assim, a única solução que encontraram foi vender a vaca, pois o dinheiro daria pelo menos para viverem por algum tempo.

Malu logo se ofereceu para ir vender o animal na cidade, mas a mãe, achando que ela não saberia negociar, a princípio não consentiu. Entretanto, porque ela própria poderia sair de casa naquele dia, não teve outro remédio senão concordar com a idéia. Amarrou então uma corda no pescoço da vaca, para que Malu não a perdesse e, depois de dar muitos conselhos a filha, deixou-a partir.

E lá se foi Malu, com destino à cidade.

Quando estava no meio do caminho, encontrou um vendedor ambulante que a cumprimentou muito simpático e perguntou-lhe aonde estava indo com a vaca.

Assim que Malu contou que estava indo vendê-la na cidade, o homem tirou da sua mala, dois chuchus, muito bonitos, bem verdinhos, e mostrou-os a menina, dizendo que eles eram encantados.

Malu ficou deslumbrada com a beleza dos grãos e, ao ouvir as palavras do vendedor, seus olhos brilharam de alegria. Morrendo de vontade de possuir os chuchus encantados, perguntou ao homem se ele não gostaria de trocá-los pela vaca.

O vendedor concordou prontamente com a troca. E, horas depois, Malu chegava em casa muito satisfeita, achando que havia feito um excelente negócio.

A mãe o recebeu muito contente, mas, quando a menina lhe mostrou o que havia conseguido em troca do animal, ficou furiosa e disse:

- Como, minha filha?! Você teve coragem de trocar a única coisa que possuíamos por uma porcaria de chuchus?

E, quanto mais pensava na situação difícil em que ela e a filha estavam agora, mais nervosa ficava. Até que, num acesso de raiva jogou os chuchus pela janela, gritando:

- Veja, sua tola! Veja para o que servem seus chuchus encantados: para jogar fora!

A pobre menina, desconsolada, ficou olhando para a mãe sem nada conseguir dizer. E, como castigo, naquela noite foi mandada para a cama sem jantar.

Na manhã seguinte, ao acordar, Malu ainda estava muito triste e não conseguia esquecer o acontecimento do dia anterior. Estava deitada, tentando encontrar um jeito de remediar o que havia feito, quando notou que havia alguma coisa impedindo o sol de entrar pela janela. Levantou-se para espionar o que era e, espantada, descobriu que os chuchus não só haviam brotado durante a noite, como também haviam crescido assustadoramente, transformando-se numa planta enorme, que subia até o céu.

Admirada e feliz, a menina correu até o quintal e, sem pensar duas vezes, começou a subir pelo pé de chuchu. Subiu, subiu e subiu; atravessou muitas camadas de nuvens macias como flocos de algodão e, por fim, descobriu que a planta terminava num estranho país, onde tudo parecia deserto.

Como queria saber onde estava, Malu resolveu andar para ver se encontrava alguém por ali. Mas o lugar parecia completamente desabitado, pois, mesmo andando horas em seguida, não viu ninguém pelo caminho. Porém, quando já estava escurecendo e o seu estômago até doía de fome, Malu avistou um enorme castelo para onde se dirigiu. Encontrou na porta uma mulher que parecia muito assustada em vê-la ali.

- O que você está fazendo aqui, menina? - disse ela. - Não sabe que esse castelo pertence ao meu marido, um gigante muito, muito mal.

Ao ouvir isso, Malu sentiu as pernas bambearem de medo. Mas, como a mulher lhe dissesse que o gigante estava fora, caçando, e também como a fome e o cansaço não a deixassem andar mais, pediu a ela que a abrigasse e escondeu-se até o dia seguinte.

Embora fosse casada com um homem tão mau, a esposa do gigante era uma pessoa muito bondosa. Assim, ficou com muita pena da menina e levou-a para dentro do castelo, onde serviu-lhe uma mesa coberta de coisas deliciosas.

Malu, que estava morta de fome, comeu tudo com tanto apetite e gosto que logo se esqueceu do perigo que estava correndo. De repente, porém, ouviu-se um grande barulho na porta, seguido de passos tão pesados que o castelo inteiro estremeceu.

- Oh, meu Deus! - disse a mulher, tremendo como vara verde. - É o gigante, menina! Ele não pode encontrar você aqui senão vai ficar muito bravo comigo e com expulsar você!

Ao vê-la tão assustada, Malu ficou paralisada de medo. Mas a mulher a puxou rapidamente pela mão, e mal teve tempo de escondê-la dentro do forno, antes que o gigante entrasse na cozinha, gritando com sua voz de trovão:

- Mulher! Mulher, estou sentindo cheiro de criança!

Um, dois e três, diga-me de uma vez: onde está essa criança?

João, que estava esperando por uma frestinha do forno, ficou apavorado só de pensar no que aconteceria se o gigante o encontrasse. Mas a bondosa mulher, que sabia que o marido era muito comilão, apressou-se em servir a comida, antes que ele começasse a procurar por todos os cantos da casa até encontrar a pobre menina.

O gigante sentou-se então à mesa e, para começar a jantar, engoliu uma dúzia de frangos assados, com ossos e tudo. Com os olhos arregalados, Malu assistiu à mulher trazendo para a mesa pratos e mais pratos, que o gigante engolia rapidamente, sem nunca ficar satisfeito.

Quando acabou finalmente sua refeição, o comilão gritou para a mulher:

- Traga-me o dinheiro!

- Está bem! - respondeu ela, saindo da cozinha.

E, logo em seguida, voltava com dois sacos cheios de moedas de ouro. Depois de ordenar que a mulher fosse dormir, o gigante colocou os sacos de moedas sobre a mesa e começou a contá-las, enquanto esperava o sono chegar.

Quando se cansou desse divertimento, guardou as moedas de novo nos sacos e depois colocou-os no chão, perto de si. Só que, por precaução, amarrou ao pé da mesa um cão de guarda, e depois recostou-se na cadeira e pôs-se a dormir.

Malu, que a tudo assistia de seu esconderijo, esperou que o gigante estivesse dormindo profundamente e, quando viu que ele estava roncando como um trovão, saiu de mansinho do forno para roubar o dinheiro. Entretanto, assim que pôs as mãos sobre os sacos de moedas, o cão de guarda começou a latir feito louco e a pobre menina, apavorada, julgou-se completamente perdida.

Acontece que o gigante tinha um sono pesado demais e os latidos fizeram apenas com que ele se mexesse na cadeira, sem conseguir acordá-lo.

Mais sossegado, a menina subiu na mesa da cozinha e, depois de pegar um pedaço de carne, jogou-o ao cão, que abanou o rabo e ficou em silêncio, deliciando-se com o petisco.

Malu pôde assim pegar o dinheiro e fugir dali. Correu sem parar até alcançar o pé de chuchu, descendo habilmente até chegar ao quintal de casa.

Em seguida, chamou pela mãe e, depois de contar-lhe toda a aventura, entregou-lhe os dois sacos de moedas.

Com o dinheiro roubado do gigante, Malu e a mãe passaram a levar uma vida de rei. Nada mais faltava na casa e eles não precisavam mais temer a fome e a necessidade.

Mas o tempo foi passando e os sacos de moedas começaram a ficar vazios. E Malu pensou, então, em voltar ao castelo do gigante, para se apoderar de mais riquezas.

Contou sua vontade à mãe e ela, com medo de que alguma coisa pudesse acontecer-lhe, proibiu-a de ir.

- Já pensou se o gigante agarrar você? - disse ela. - É a mulher dele? Ela certamente a reconhecerá e poderá entregá-la ao marido!

Percebendo que a mãe não ia mesmo permitir, Malu fingiu aceitar o que ela dizia. Mas, na primeira chance que teve, saiu escondido e subiu novamente pelo pé de chuchu, desta vez muito bem disfarçada para que a mulher do gigante não a reconhecesse.

Chegou assim mais uma vez ao estranho país e, depois de caminhar até o anoitecer, avistou o castelo do gigante, na porta do qual encontrou novamente a boa mulher.

- Menina! - disse ela, sem reconhecer Malu. - O que você faz aqui? Não sabe que esse castelo é do meu marido, um gigante muito mau?

Malu fingiu-se muito assustada, e pediu à mulher que a escondesse até o dia seguinte, dizendo que não conseguia encontrar o caminho de casa no escuro.

- Ah, não! - respondeu ela. - De jeito nenhum! Da última vez que fiz isso me arrependi amargamente! Já dei abrigo a uma menina como você e a mal-agradecida fugiu, levando dois sacos de moedas de ouro do meu marido. Por causa disso, quase fui expulsa no lugar da malandrinha! E o gigante, desde então, tem estado com um humor terrível, que eu sou obrigada a suportar!

Malu Malu sabia ser convincente e pediu tantas vezes que a boa mulher acabou concordando em escondê-la. Assim, levou-a para dentro do castelo e deu-lhe de comer e de beber. E, novamente, mal teve tempo de esconder Malu, desta vez dentro de um quartinho de despejo, e o gigante já chegava, com seu andar tão pesado que fazia o castelo es-tremece-r. Dali a pouco, ele já estava na cozinha, gritando com voz de trovão:

- Um, dois e três. Cheiro de criança outra vez! Onde está essa criança?

Enquanto dizia isso, o gigante procurava por todos os cantos da casa.

Malu, que a tudo assistia pela fechadura da porta, ficou morrendo de medo de ser encontrada. Mas a bondosa mulher mais uma vez convenceu o marido de que não havia ninguém na casa e, enchendo a mesa de comida, conseguiu distraí-lo.

Novamente o gigante comeu até se fartar e depois disse à mulher:

- Mulher, traga-me a galinha!

Ela, como da outra vez, obedeceu às ordens e saiu da cozinha, para voltar logo depois, trazendo uma galinha viva. O gigante colocou a galinha sobre a mesa e, assim que a mulher se retirou, ordenou:

- Bote!

E Malu viu, espantada, a galinha botar um ovo que não era nem branco e nem igual aos das galinhas comuns, e sim de ouro, ouro puro e maciço!

- Bote outro! - ordenou o gigante.

E a galinha obedeceu. Assim aconteceu sucessivamente, até que a mesa da cozinha ficou repleta de ovos de ouro, bonitos e reluzentes.

De repente, o gigante se cansou de mandar a galinha botar os ovos e, debruçando-se sobre a mesa, caiu, logo em seguida, num sono profundo.

Quando ouviu o gigante roncando outra vez como um trovão, Malu saiu em silêncio de seu esconderijo. E, como desta vez não havia nem o cão de guarda para atrapalhar, foi muito fácil agarrar a galinha e fugir correndo do castelo, até chegar ao pé de chuchu.

Logo que entrou em casa, Malu chamou a mãe e, depois de lhe contar a sua aventura, entregou-lhe a galinha dos ovos de ouro.

Daquela dia em diante, nada mais lhes faltou, pois, sempre que precisavam de alguma coisa, bastava ordenar à galinha que botasse um ovo, e ela obedecia prontamente.

Mesmo sendo agora rica e feliz, Malu voltou a ter vontade de subir outra vez ao castelo do gigante. Mas, sempre que falava nisso, a mãe a repreendia tão severamente, que o menina acabava adiando a viagem, sem entretanto desistir da idéia.

Passaram-se assim três anos, no final dos quais Malu tomou uma decisão: ia subir de novo, custasse o que custasse, e não contaria nada à mãe.

Assim, esperou pacientemente que chegasse o verão, quando os dias são mais longos e, depois de se disfarçar muito bem, subiu pelo pé de chuchu antes que o sol nascesse, para que a mãe não a visse.

Novamente chegou ao castelo numa hora em que o gigante não estava, e mais uma vez não foi reconhecida pela mulher, que voltou a falar-lhe dos perigos que corria estando ali. Só que, desta vez, foi muito mais difícil convencê-la a recolher um estranho em seu castelo, pois o gigante, depois do último roubo, estava com um humor insuportável e cada dia se tornava mais malvado.

Malu, porém, sabia que a mulher era muito bondosa e continuou insistindo até que conseguiu convencê-la. Foi então acolhida, e de novo lhe foi servida uma refeição deliciosa.

Mas nesse dia o gigante chegou tão repentinamente que a mulher só teve tempo de colocar Malu dentro de um caldeirão, antes que o marido entrasse na cozinha gritando:

- Mulher! Sinto cheiro de criança! Um, dois e três, diga-me de uma vez: onde está a criança?

E estava tão furioso e desconfiado, que começou a procurar por todos os cantos, sem nem ouvir a esposa chamando-o para o jantar.

Procurou, procurou e procurou até que, finalmente, chegou bem perto do caldeirão onde Malu estava escondida. Ao ouvir aqueles passos que faziam o chão tremer e aquela voz de trovão gritando furiosamente, a pobre menina achou que estava mesma perdida. Por sorte, entretanto, o gigante sentiu uma fome repentina e ficou com preguiça de levantar a tampa do caldeirão. Por isso, desistiu de procurar e gritou:

- Mulher! Quero jantar!

Dentro de seu esconderijo, Malu suspirou aliviada. E ali ficou bem quietinha, esperando que o comilão fizesse sua interminável refeição.

Quando, afinal, estava satisfeito, o gigante gritou para a mulher:

- Traga-me a harpa de ouro!

- E ela, como sempre fazia, obedeceu-lhe prontamente. O gigante esperou que ela se retirasse para dormir, depois colocou o ins-trumento sobre a mesa e ordenou:

- Toque!

No mesmo instante, a harpa de ouro começou a tocar sozinha uma melodia doce e suave, que deixou Malu maravilhada e que embalou os sonhos do malvado gigante. Assim, a menina esperou até que ele estivesse roncando bem alto, saiu em silêncio do caldeirão e correu na direção do valioso instrumento.

Acontece que a harpa era encantada e, ao sentir que mãos estranhas a tocavam, começou a gritar com uma voz fininha:

- Socorro! Socooooo!

E o gigante, ou porque não estivesse dormindo ainda, ou porque gostasse muito da harpa, acabou acordando. Ao ver que estava sendo roubado, levantou-se da cadeira, gritando, furioso:

- Ah, menina! Desta vez você me paga! Quando eu a pegar, você vai ver!

Disse isso e veio direto em cima da pobre Malu, que, muito assustada, começou a correr até não poder mais. A harpa de ouro, por sua vez, continuava gritando, com sua vozinha fina:

- Socorro, meu senhor! Estão me roubando!

E Malu, ao ouvi-la falar, corria mais ainda, achando que o gigante o estava alcançando.

De repente, no entanto, Malu percebeu que havia já alguns minutos não ouvia mais os urros e o barulho dos passos de seu perseguidor. Intrigada, virou-se para trás e descobriu uma coisa que o deixou muito feliz: o gigante, embora fosse grande e forte, já estava velho e não conseguia correr muito.

Mesmo assim, ainda havia um longo caminho para chegar ao pé de chuchu, e por isso a menina agarrou de novo a harpa, que não parava de gritar por socorro, e continuou a correr.

Horas depois, alcançou de novo seu pé de chuchu e começou a descer. Quando estava já no meio da haste da imensa planta, porém, Malu olhou para cima e viu que o gigante, por ser muito pesado, descia numa rapidez incrível. Assim, logo que avistou o quintal de casa, a menina começou a gritar pela mãe:

- Mamãe, mamãe! Traga-me um machado, depressa!

Quando Malu pôs o pé no chão, a mãe já se preparava para dar os primeiros golpes na planta. Mas a viúva, ao olhar para cima e ver o tamanho do gigante, ficou paralisada de medo.

Malu estava muito cansada, mas conseguiu reunir todas as suas forças e, apossando-se do machado, golpeou várias vezes o pé de chuchu. Tendo sido cortada a planta, o gigante despencou lá do alto, caindo ao chão com um grande estrondo. Era tão pesado que seu corpo, ao cair, fez uma cratera enorme, que demorou muitos anos para fechar.

Livre do perigo que o ameaçava, Malu abraçou a mãe alegremente. E, desde aquele dia, as duas passaram a viver tranquilas.

Tempos depois, quando se tornou uma mulher adulta e bonita, Malu se casou com um príncipe, com quem viveu feliz por muitos e muitos anos.

Quando ao pé de chuchu, depois de cortado, secou completamente e, como não havia mais sementes, nunca mais nasceu outro igual.

<http://www.consciencia.org/joao-e-o-pe-de-feijao-fabula-contos-infantis-dos-irmaos-grimm>



SECQH-Seção de Centro de Qualidade em Horticultura-Janeiro 2013.



Rebola, chuchu

Alface já nasceu
E a chuva quebrou o galho
Alface já nasceu
E a chuva quebrou o galho

Rebola, chuchu
Rebola chuchu
Rebola senão eu caio
Rebola chuchu
Rebola chuchu
Rebola senão eu caio

Se quiser aprender a dançar
Vá na casa do seu Juquinha
Se quiser aprender a dançar
Vá na casa do seu Juquinha

Ele pula, ele roda
Ele faz requebradinha
Ele pula, ele roda
Ele faz requebradinha

